

eusébio — o romance
sónia louro

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Ao António Simões e ao Toni, senhores do futebol.

À Dra. Daniela, o Eusébio da obstetrícia.

Ao Edgar, o meu melhor jogo.

Ao Alan, o meu melhor golo.

Ao Twykki, por todas as assistências,
os meus passes foram melhores contigo.

NOTA E AGRADECIMENTOS

Gostaria de me adiantar já à pergunta da razão por que escrevi sobre Eusébio e por isso respondo que escrever sobre Eusébio se tornou um passo incontornável do meu percurso, talvez por ter escrito antes sobre Amália. Ambos têm várias características em comum, das quais destaco o facto de o apogeu das suas carreiras se ter dado numa altura em que, para os portugueses, eles eram, provavelmente, o único motivo de orgulho nacional. No tempo do “orgulhosamente sós”, eles iam para o estrangeiro e lembravam ao mundo que nós existíamos.

Contudo, o que me entusiasmou a escrever sobre Eusébio foi a forma como ele encarou a sua profissão, o amor desmedido que tinha pelo futebol e, se não sobretudo, então a par do que nutria pelo seu clube. Foi, portanto, o amor que me despertou a vontade de escrever sobre esta personagem da nossa História desportiva. O grande amor ao futebol e a um clube.

Continuando com este sentimento, conheci António Simões e Toni, cujo amor na forma de amizade e admiração por Eusébio é indiscutível e profundo. Quero agradecer-lhes a grande simpatia e generosidade com que prontamente se disponibilizaram a conversar comigo. António Simões e Eusébio viveram as mesmas épocas no Benfica, cresceram juntos e no ocaso das suas carreiras partiram, também juntos, para a aventura americana. Toni, por sua vez, encarna a nova geração de jogadores que

aparece após a lenda Eusébio, mas ainda a tempo de jogar com ele e com outros grandes jogadores que fizeram parte das equipas vencedoras da Taça dos Campeões Europeus, aprendendo e crescendo como futebolistas também devido à generosidade deles.

Agradeço ao meu marido, Edgar Costa, que, para além do seu espontâneo apoio, me concedeu muito do seu tempo em idas à Biblioteca Nacional e à Hemeroteca de Lisboa para me ajudar nas pesquisas aos jornais e revistas da época. A sua motivação foi também o amor.

Assim como é também de amor que se trata o que torna a Carina Amorim na minha primeira leitora e crítica. Obrigada.

Portanto, apesar de à primeira vista este livro poder parecer que é sobre desporto, deixo desde já aqui o aviso de que é sobre o amor, um grande amor: Eusébio e o futebol.

S Ó N I A L O U R O

P R E F Á C I O

Constitui sempre um enorme privilégio, para mim, escrever sobre o Eusébio. Um privilégio que me confere uma atmosfera de entusiasmo, de ternura, muito de saudade. Trata-se de exaltar, por justeza absoluta, aquele que considero o meu maior companheiro, o mais exclamativo, o mais brilhante, o mais genial.

Seria exaustivo, ao longo de tantos anos de convívio estreito, de tantas cumplicidades bonitas, reportar-me a vários episódios que dizem bem da minha assumida convivência com ele. Opto por deixar em letra de forma considerações que, na minha opinião, fazem de Eusébio um dos expoentes máximos do futebol planetário e, consabidamente, do futebol nacional.

Eusébio era tudo? Era tudo e, talvez, mais do que tudo. Eusébio era a inteligência suprema do jogo. Pensava rápido, executava rápido, concluía rápido. Tudo nele era rápido, tanto como a relação de amor com a bola.

Orgulho-me do meu percurso pessoal na causa do futebol. Foram tantas vitórias, tantos troféus, tantos títulos. Orgulho ao qual está subjacente a figura proeminente do Eusébio. Fui o que fui, digo-o com alguma imodéstia, mas muito devo a ele. A nossa relação em campo foi um cântico ao futebol na sua expressão mais conseguida, mais sedutora, mais bela.

Este livro, que recomendo, tendo Eusébio como protagonista principal, tem também muito da sua personalidade. Está escrito de forma simples e escorreita, de forma despretensiosa e competente, de forma construtiva e cativante. Também ele fazia futebol com todos esses atributos.

Eusébio não está fisicamente comigo, não está connosco. Mas só fisicamente. Porquanto, emocional e historicamente, permanece em toda a sua plenitude. Eu homenageio Eusébio, agora e sempre, num tributo ao maior de todos os tempos. A minha saudade é indómita. Infeliz pela sua partida, feliz pela sua presença no meu quotidiano.

ANTÓNIO SIMÕES
(JOGADOR DO BENFICA DE 1961 A 1975)

“O futebol, para mim, nunca pode ser uma brincadeira,
eu jogo sempre a sério.
E há mais: eu não gosto de perder.”
Eusébio *in A Bola*, 16 de Novembro de 1976

“Eusébio sempre será o melhor jogador de todos os tempos.”
Alfredo Di Stéfano, ex-jogador do Real Madrid, sobre Eusébio

“[Eusébio] é uma daquelas figuras que chamam a si os indefiníveis contornos da lenda e os indecifráveis mistérios do Destino.
(...) Só ele. Inimitável. Igual a si. Criação excepcional dos deuses da bola. Marcado com o sinete das existências que não se repetem. O futebol deve-lhe um novo conceito de impossível nas proezas da bola; um estilo original de lutar e competir. (...) Deve-lhe essa lenda imperecível, ligada ao seu nome, que há-de fazer com que os homens de hoje, quando tenham de contar um privilégio aos filhos, possam dizer eu vi jogar Eusébio!”
Silva Resende *in A Bola*, 24 de Setembro de 1973

Buffalo

Buffalo Stallions, Janeiro de 1980

EUSÉBIO!
EUSÉBIO!
EUSÉBIO!

“TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!
DESCANSA ETERNAMENTE!”

Eusébio acordou a sentir os músculos duros, como se tivesse acabado de jogar um jogo inteiro, o prolongamento e feito todos os remates da fase de penáltis. Tinha o corpo molhado de suor. Sentiu-se a emergir de uma profundidade escura e abriu os olhos.

— Foi um sonho — percebeu. — Foi só um sonho. Não, foi um pesadelo — emendou.

Levou a mão ao peito para confirmar o que suspeitava: o coração estava como o resto do corpo, como se tivesse acabado de correr durante todo um interminável jogo. Batia acelerado. Eusébio soergueu-se na cama e recostou-se nas almofadas verdes da cabeceira.

Havia um silêncio estranho, cujas barras de luz branca e vermelha, vindas do painel luminoso da rua, mal coadas pelo cortinado barato do quarto de hotel, tornavam mais temeroso. Todos os silêncios são estranhos quando se acaba de acordar de um pesadelo. Todos os silêncios da noite são temerosos quando se acaba de acordar de um pesadelo. A escuridão parece um encapuzado pronto a levar-nos para um lugar ainda

pior do que aquele de que escapámos do pesadelo. De olhos bem abertos, Eusébio tentou traçar um caminho em linha recta por sobre as suas recordações recentes.

Os brilhos da rua tremeluziram, escureceram, e o abismo do quarto, do pesadelo recém-escapado, aprofundou-se e escureceu também. E a memória do que sonhara voltou-lhe inteira e ele olhou de frente para ela, como se fosse gente, porque naquele momento ela pareceu-lhe ter a mesma consistência da realidade. Sonhara com a sua morte. E todas as imagens que viu a dormir caíram-lhe de volta à lembrança a um ritmo regular primeiro, depois em catadupa. Sonhara com o seu funeral.

Sonhou que tinha morrido e que assistia ao seu próprio enterro. Não era exactamente um enterro... As memórias erguiam-se do esquecimento momentâneo, agora como árvores frondosas numa floresta. Eram as suas cerimónias fúnebres. Eusébio ia a pé, caminhava entre os vivos. Não, estava de pé, mas não caminhava. Estava quieto, parado. Observava, mas ninguém o via. Eles, os outros, estavam vivos, mas eram cegos, pois não o viam e gritavam por ele como se ali não estivesse.

Para Eusébio, todo aquele ambiente era festivo, mas eles, os outros, estavam tristes e, inicialmente, ele não conseguiu descortinar porquê. Até que veio a canção. Aquela canção entoada por eles, pelos outros, pelos adeptos. Todas aquelas vozes juntas pareciam as vozes de vários guerreiros de escudo e lança em punho, avançando com cânticos tristes para uma guerra que já tinham perdido, pois o seu rei tinha morrido.

“TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

DESCANSA ETERNAMENTE!”

Foi nesse momento que Eusébio percebeu que tinha morrido.

Havia maneiras piores de se perceber que se está morto.

“TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

DESCANSA ETERNAMENTE!”

Então, Eusébio compreendeu que morrer era nunca mais jogar futebol.

Abandonou as almofadas às quais se tinha encostado e reparou que a respiração e o coração tinham alcançado um ritmo quase normal. A primeira luz que antecede o nascer do Sol tocou a janela, passou os cortinados e amansou as barras de luz branca e vermelha do reclame luminoso do exterior. A luminosidade continuou a aumentar até desfazer por completo a réstia de branco e vermelho luminoso que ainda havia no quarto e fazer aparecer os móveis de forma indistinta, mas una, como se

fossem uma coisa só, um monstro, ou o encapuzado que espera para nos apanhar após o pesadelo. A luz acordou o espelho, pendurado na parede da frente, e encheu a parede de Eusébio.

O branco e o vermelho desapareceram por completo e Eusébio voltou a sobressaltar-se ao perceber que eram as cores do Benfica, do seu Benfica que tivera de deixar havia cinco anos. Levantou-se e espreitou furtivamente pela janela; havia um reclame luminoso da *Coca-Cola* no edifício defronte.

Retornou para a cama e para as almofadas que tinha abandonado, ainda a meditar no pesadelo, apesar de já totalmente imerso na realidade. Não vira a sua vida como um filme que passa diante dos olhos, mas interpretou o sonho, ou o pesadelo, como um tomar de consciência.

O que diriam as velhas do Mafalala se lhes contasse e elas ainda fossem vivas para ouvir?

— Benze-te, filho, que o bafo da morte andou por perto e soprou pelo teu ouvido esse sonho.

Podia ser. Porém, para Eusébio fora uma tomada de consciência de que o futebol era a sua vida e estava a acabar, o Benfica também o era, mas esse já tinha terminado.

Tudo lhe pareceu tão distante e ao mesmo tempo tão perto. Era esse o poder dos sonhos, e dos pesadelos também.

Sempre soube que o futebol era a sua vida, desde o tempo em que, ainda criança, a mãe lhe mandava fazer recados e, pelo caminho, ficava a olhar para os mais velhos a jogarem, à espera que a bola se desviasse do seu curso e viesse parar aos seus pés para que a chutasse de volta para o campo. Só isso, só esse toque de bola e ver os outros a jogarem já o preenchia. Mas queria mais. Então, numa dessas vezes, quando ele apenas observava o jogo que se preparava, e os mais velhos viram que faltava um e lhe perguntaram se queria jogar, disse que sim. Chegou tarde a casa, esquecido de que tinha ido às compras para a mãe concluir o jantar. Ficou sem comer, mas a sua fome de futebol não diminuiu por isso. Continuava a querer mais; juntou-se com uns amigos e a um Chico maneta que teve a ideia de criarem um clube, Os Brasileiros. Mas isso ainda era pouco. Foi para o Sporting de Lourenço Marques. Mas continuava a querer mais. Foi para o Benfica. Mas continuava a querer mais: jogar para toda a vida. Esse era o sonho que não podia realizar, apesar do pesadelo em que vira as suas cerimónias fúnebres num estádio e os adeptos a chamarem-lhe rei.

A realização não foi saber que o futebol era a sua vida, porque sempre soube que não podia ser de outra forma. Fora por isso que só fizera o exame da 4ª classe já em Portugal, com dezoito anos, e porque o mesmo era necessário para poder jogar pelo Benfica. Passou à primeira, devido às explicações que recebeu no Algarve, enquanto andava escondido. Nunca fora muito dado às letras, apenas à bola. Por isso, sentado na cama, com gotículas de suor desiguais a escorregarem-lhe pelo peito, ainda se sentia afligido por aquela tomada de consciência.

Não era a morte em si que temia, mas nunca mais poder jogar à bola.
— BEN-FI-CA! EUSÉÉÉÉBIO!

As vozes daqueles homens-guerreiros voltaram sem aviso à memória de Eusébio, como os salpicos de uma onda quando nos consideramos a uma distância segura.

O Estádio da Luz estava cheio. Milhares de pessoas enchiam as bancadas. Cachecóis e bandeiras agitavam-se no ar. Fumo rubro ascendia nos ares apesar da chuva que descia e o atacava.

— EUSÉÉÉÉÉBIO!

Instintivamente, para aquecer, Eusébio começou a correr sem sair do lugar.

— SLB! SLB! GLORIOSO, SLB!

Os cânticos redobravam-lhe a força enquanto saltitava ora sobre um pé, ora sobre o outro.

— TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

A sua timidez inibiu-o de erguer os braços em agradecimento. Continuou o aquecimento.

— TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

Fumos encarnados e brancos continuavam a subir para o céu. Reparou então que não era apenas a chuva que caía e que molhava os rostos, lágrimas escorriam também das faces encharcadas daqueles adeptos.

— TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

Só Eusébio vivia aquele ambiente como festivo. Parou de aquecer. O que se passava? Iam ter um jogo decisivo? Não se conseguia lembrar... Precisavam de marcar para passar? *Eu marco, eu marco*, disse, sem ser ouvido, Eusébio. *Não chorem...*

— DESCANSA ETERNAMENTE!

Descansa eternamente?! Ninguém o podia ouvir. O grito ficava es-

trangulado no peito por mais que se esforçasse para que saísse. Queria gritar mas não conseguia.

— TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

TU ÉS O NOSSO REI, EUSÉBIO!

DESCANSA ETERNAMENTE!

Onde estava o resto da equipa? O *míster*? O adversário? Apenas as palmas, os adeptos e as bandeiras estavam presentes. Palmas, mais palmas... palmas, palmas e o “DESCANSA ETERNAMENTE!” que teimava em atravessá-las, como se quisesse esquarterá-las, para que Eusébio ouvisse, nítida e repetidamente, aquele perpétuo “DESCANSA ETERNAMENTE”.

— *“Sou do Benfica*

Isso me envaidece

Tenho a genica

Que a qualquer engrandece...”

Os rostos molhados viraram-se na mesma direcção, enquanto as bocas, maquinalmente, se abriam e fechavam como se recitassem uma ladainha que conheciam de cor.

— *“Sou de um clube lutador*

Que na luta com fervor

Nunca encontrou rival

Neste nosso Portugal.”

Os rostos gelados olhavam para o túnel, de onde a equipa deveria sair, com as lágrimas quentes a escorrerem-lhes mas sem conseguirem que estas lhes aquecessem as faces. Também Eusébio olhou naquela direcção, certo de que já percorrera o relvado daquele campo. Já o percorrera, embora agora... Sentiu como se os seus pensamentos estacassem, como se tivesse parado no tempo enquanto o mundo lá fora, fora de si, continuava. Olhou em volta. Não, ele nunca percorrera aquele relvado. Os pensamentos tolheram-se nesse instante, assim como a voz, os movimentos... Era como se uma grande câibra lhe contraísse a alma. E naquele momento doía-lhe, mas ele não percebia porquê.

— *“Ser Benfiquista*

É ter na alma a chama imensa...”

Ao invés dos onze jogadores, seis homens de negro carregando um féretro coberto com a bandeira rubra do seu clube saíram para o campo.

As palmas subiram de tom e os rostos amornaram-se um pouco com a enxurrada de lágrimas que agora lhes caía.

— “*Que nos conquista
E leva à palma a luz intensa...*”

Sou eu. Sou eu quem ali vai, percebeu, finalmente, Eusébio. Sentiu como se todos os músculos se rasgassem após um embate violento com o adversário. *Não é a morte que dói, é o esquecimento que rasga a pele. O esquecimento é que dói.*

O relvado daquele campo, percorria-o Eusébio agora... pela última vez... deitado... E aquele não era o seu Estádio da Luz. Não, não era. E já nem era ele aquele que ali ia deitado.

Eusébio não era o que ia ali deitado, nem este que por instantes pensou que ainda vivia. Era uma memória e um dia talvez já nem isso fosse.

Foi então que Eusébio percebeu que morrer era nunca mais jogar à bola.

Morrer era nunca mais jogar à bola, voltou a pensar Eusébio, com a mesma sensação de desconforto e medo com a qual acabara de acordar. *Como seria daqui a uns anos?*, interrogou-se, esboçando logo em seguida um sorriso enternecido pela sua própria inocência. Não existiam “próximos anos”, porque ele já não tinha anos pela frente para viver como jogador profissional. Tinha 38 anos, mas sobretudo tinha um joelho com muitas dores. Dissera em tempos: “Sou um atleta ‘massacrado’, pela posição em que jogo, pelo perigo que represento, e chega uma certa altura em que me saturo. Penso estar até aos 35.”¹ Tinha 31 anos então e mais quatro anos de futebol pareciam-lhe tanto. Tinha 38 agora e ter mendigado ao tempo e ao seu joelho mais estes três anos parecia-lhe agora tão pouco. Três, quatro, dez anos não são nada. Menos do que uma vida inteira era muito pouco e era só isso que pedia, não mais alguns anos que sabia já não ter, não mais uns meses que talvez ainda tivesse. Não! Queria uma vida inteira, pois já não se lembrava de ter estado saturado quando se queixava aos 31!

Como seria então a despedida? Só tinha uma coisa por certa, não seria no Benfica, como sonhara e até vaticinara em tempos, pois então não desejava jogar em mais clube nenhum. Agora também não, mas já não tinha condições para jogar no Benfica, sabia disso, apesar

¹ *A Bola*, 13 de Setembro de 1973.

de não gostar de o admitir. Tivera, uma vez, uma festa de homenagem no Benfica. Não fora um adeus, não fora uma festa de despedida, mas fora um patamar na escada, como um jornalista na altura escreveu. “Vamos fazer um acordo, Eusébio da Silva Ferreira:”, escreveu esse mesmo jornalista, “quando vires que a hora está a chegar, sai depressa. Podes esperar por uns tempos e tu mesmo sabes que sim, mas não te deixes levar por impulsos, nem por conversas fiadas, todos nós desejamos recordar-te como um invulgar futebolista, como um desportista ímpar, e por isso pretendemos que defendas a tua última imagem.”²

Defendera a sua imagem? Não tinha a certeza disso, mas defendera até ao fim o seu sonho e o seu desejo: jogar à bola.

Nunca se conhece o desfecho de algo, apenas temos por certo o seu início e este foi assim:

“*Please Fasten Your Seat Belt*”.

Era a primeira vez que via esta sinalética iluminar-se por cima da sua cabeça, era a primeira vez que estava dentro de um avião e era também a primeira vez que sentia uma dor no peito assim. Procurou o seu lugar ao som dos motores que já tinham sido postos a trabalhar. Sentou-se e, pouco depois, ouviu por cima do ruído motorizado o “ping” que indicava que a sinalética do “*Please Fasten Your Seat Belt*” acabava de se acender.

Eusébio olhou pela janela circular do *Super Constellation* da TAP. Estava embaciada. Levou a mão aos olhos e limpou-os, percebendo de imediato que eram as suas lágrimas que lhe turvavam a vista e deturpavam o último vislumbre de Lourenço Marques. Tinha acabado de se sentar, entrara apenas cinco minutos antes da descolagem. Tudo se passara tão rapidamente que ainda não tinha encontrado tempo para se emocionar. Chegara agora o momento com o “*Please Fasten Your Seat Belt*” a piscar por cima da sua cabeça.

Lembrou-se de que era o momento para ver Lourenço Marques pela última vez ainda de terra. Olhou pela janela e viu o carro, com matrícula do exército, que o levava do aeroporto até às escadas, afastar-se. Imaginou ver, encostados ao gradeamento, os irmãos mais velhos, Jaime, Alberto e Adelino, e os mais novos, Lucília, Gilberto, Inocêncio

² Homero Serpa in *A Bola*, 27 de Setembro de 1973.

e Fernando. E, claro, a mãe. Imaginou que era agora que os via pela última vez e não na despedida apressada que fizera em casa. Da metrópole, Benfica e Sporting digladiavam-se, mas, naquela própria manhã, Gastão Silva, director de futebol do Benfica, ligara e fizera a pergunta que em toda a sua ainda curta vida Eusébio sonhara ouvir:

— Não quer jogar pelo Benfica?

A mãe já se comprometera com o Benfica, mas lembrou-se, naquele instante antes de dar a resposta óbvia, naquele hiato de tempo ínfimo, mas que nos permite ver uma vida inteira, da tarde em que fora com os colegas do clube que fundara, Os Brasileiros, prestar provas ao Desportivo de Lourenço Marques, o Benfica lá da terra. Não o quiseram, não porque a sua prestação tivesse sido medíocre nesse dia, mas, por ser franzino e baixo, nem o deixaram exhibir-se. Apesar de baixo e franzino, não se deu por vencido e voltou no dia seguinte para treinar, mas com a mesma sorte da véspera. Agora, quase quatro anos depois, sempre sem se dar por vencido, ali estava ele, com o director de futebol do Benfica ao telefone suspenso na sua resposta.

— Sim. Sim, claro que sim.

— Então faça de imediato a mala, pois tem um avião para apanhar esta noite ainda.

Eusébio não se conseguia recordar de tudo o que fizera desde a manhã até à noite. Apenas se lembrava de, ao fazer as malas, constatar que estava a meio de Dezembro e que não tinha roupa para usar no Inverno europeu. Depois disso, lembrava-se vagamente de ter atravessado a pista até ao avião e de ter começado a chorar ao pisar o primeiro degrau da escada que o levaria ao aparelho. Essa era a primeira memória mais forte que tinha desse dia: subir as escadas a chorar como uma criança a quem arrancam à família. E arrancaram, por mais que partisse de livre vontade para o clube dos seus sonhos e que um dia regressasse para os visitar. Sabia que nunca nada voltaria a ser igual. Apesar de ser o último a subir pela escada metálica para o aparelho e todos os outros passageiros já se encontrarem sentados no seu interior, lá no cimo estacou. Olhou para baixo, para uma mãe e irmãos que não estavam, depois para o horizonte, como se dali visse o Mafalala, o bairro onde crescera. Sabia que os via a todos pela última vez, por mais que essa já tivesse acontecido e uns e outros apenas pudessem ser imaginados, porque da próxima vez que ali voltasse ele seria outro, por isso, forçosamente, as coisas que veria seriam

outras também. Tornou a olhar para baixo, para a família que ali não estava. Ele voltaria outro. E eles? Quem seriam eles, então? A mãe seria a única que não mudaria, porque as mães são sempre as mesmas para os filhos, até para os desgarrados. Tudo o resto estaria diferente, à parte D. Elisa e talvez aquele pássaro metálico onde estava prestes a entrar.

As lágrimas precipitaram-se num caudal ainda maior. Doía-lhe o peito, algo em si tinha a sensação de os abandonar, embora partisse com a bênção da mãe que era a fiel depositária do “dinhêro grande” que o Benfica pagara por ele. Por um breve, brevíssimo momento, quase inexistente, Eusébio hesitou, porque as novas vidas, por mais brilhantes que se possam augurar, assustam sempre. Porém, virou costas, entrou no avião, a porta fechou-se atrás de si e a escada foi de imediato retirada, como se os funcionários do aeroporto fossem todos benfiquistas e temessem a retractação de Eusébio. Não, ele não o faria. O Benfica era o seu clube do coração, mas, mais do que isso, ele precisava de jogar.

O “ping” a indicar que a sinalética do “*Please Fasten Your Seat Belt*” acabava de se acender foi o que acordou Eusébio da sua rememoração. Voltou a limpar os olhos sem perceber quanto tempo tinha decorrido desde que ali estava sentado.

— Tem de apertar o cinto.

Eusébio olhou na direcção da voz. Era uma rapariga bonita quem lhe falava, a hospedeira.

— Por favor, aperte o cinto — repetiu, apontando para a tal sinalética luminosa, de que só agora Eusébio percebia o significado, e para o cinto caído no seu lado direito.

Sentiu o corpo ser empurrado para trás, o avião acabava de descolar. Continuou a espreitar pela janela mesmo quando um mar branco de algodão escondia já as casas, as estradas, os rios... Ainda assim, ele continuava a ver. Não via já Lourenço Marques, mas via Lisboa e a Luz na sua imaginação.

Desviou o olhar da janela. A luz era de um branco intenso e as lágrimas recomeçaram. Eusébio acreditou que era apenas da luminosidade. Olhou melhor em redor. A sinalética “*Please Fasten Your Seat Belt*” tinha-se apagado e ele nem se apercebera, nem sabia, mais uma vez, o que isso significava. Talvez a luz por cima do seu lugar se tivesse fundido. Continuou a inspecionar com o olhar e percebeu que

o mesmo acontecera nos outros lugares. Talvez fosse uma avaria geral. Acomodou-se melhor no seu lugar. O assento era tão macio e confortável, tão diferente do *machimbombo*³ que apanhava em Lourenço Marques. Lá, todos iam apertados e, nas travagens, eram lançados uns sobre os outros, quase esmagados. Aqui, cada um tinha o seu lugar e ainda traziam sumo ou café aos passageiros! Prosseguiu com a inspecção visual e a certeza de que era o único que se sentia admirado com tudo o que via. E com essa certeza nasceu outra: havia dois mundos no mundo, o seu e o daquelas pessoas. Percebeu então mais, esta não era apenas uma viagem de Lourenço Marques para Lisboa, mas também do seu mundo para o outro. Afundou-se mais ainda na cadeira. Não, de facto já não seria ele quem voltaria um dia a Lourenço Marques. Não o podia evitar. Era assim.

— Sumo ou café? — Era a mesma hospedeira que voltava a despertar Eusébio dos seus pensamentos.

Sumo ou café, repetiu para si, lembrando-se dos tempos de garoto, quando nas esplanadas de Lourenço Marques lhe ofereciam um refresco e lhe faziam uma festa na cara. Percebeu que era ainda aquele garoto.

— Sumo — disse.

A hospedeira estendeu-lhe o copo de sumo, mas ninguém acariciou o rosto àquele garoto que morria. Perguntou-lhe as horas. Faltavam seis horas de voo. Ainda demasiadas para um fim de viagem, mas muito poucas para o fim de uma vida. Ninguém sabe a hora exacta em que a sua infância acaba, em que a criança que foi deixa de o ser... A não ser que o voo se atrasasse, Eusébio sabia-o.

Istantes antes da descida, o piloto anunciou a hora e a temperatura em Lisboa: 23h20 e 9°C. Eusébio encolheu-se no assento, justificando a si próprio que o fazia pela antecipação do frio que iria sentir quando atravessasse os portões da Portela, mas sabia bem que o calafrio que sentia era pela aproximação do novo mundo, da nova vida. O pensamento, abrupto como um relâmpago, de regressar para casa passou-lhe pela cabeça. Tentou animar-se a si próprio, recordando-se do primeiro dia de escola. Também nessa altura quis voltar para casa, para junto da mãe e dos irmãos mais novos.

³ Em Angola e Moçambique, é o nome dado ao autocarro de transporte público.

— “Aprende, filho. Aprende, se queres ser alguém”⁴ — recomendara-lhe a mãe antes de partir, ao ver as lágrimas do filho a formarem-se no canto do olho e sem se lembrar de nada melhor para dizer.

Novamente, estava numa situação que tinha de enfrentar para “ser alguém”. Não era desta forma que a sua mãe sonhara que ele “seria alguém”, mas era da única que dispunha. Lembrou-se dos torneios de futebol que os professores organizavam, nos quais as várias classes se defrontavam umas às outras. Uma vez, estando ele na segunda classe, conseguira que a sua equipa vencesse a da quarta. Que dia glorioso aquele! Eusébio levantou-se decidido e saiu do avião.

De Lourenço Marques (Portugal de África) e com destino ao Benfica, chegava a Lisboa (Portugal da Europa) o futebolista Eusébio.⁵ Esperavam-no Domingos Claudino, da comissão central do Benfica, Albino Rato e Júlio Teixeira, ambos funcionários da secção de futebol. O receio de que ninguém o esperasse esfumou-se de imediato. Além dos enviados do clube, esperavam-no também cerca de duas dezenas de adeptos benfiquistas que, tendo lido nos jornais que Eusébio chegava naquela noite, quiseram vir saudá-lo. Já tinha admiradores, constatou, entre o aturdido e o assustado. Sim, porque assusta chegar a um lugar novo e ter-se já várias bocas a gritar pelo seu nome quando ainda não se fez nada. Era certo que tinha marcado 29 golos no campeonato de onde vinha, mas ainda não tinha feito nada em Portugal da Europa. Contudo, toda aquela gente o esperava. Naquela noite, 20 pessoas pareceram-lhe uma multidão. Até jornalistas o esperavam, deu-se conta quando Cruz dos Santos e o fotógrafo Nuno Ferrari se aproximaram dele.

— Boa-noite, Eusébio. Seja bem-vindo — disse o jornalista que desvendara o segredo da vinda do futebolista nos jornais daquele dia, e aproveitando a abertura, fez o primeiro remate: — Jogou sempre no Sporting de Lourenço Marques?

— “Joguei sempre no Sporting de Lourenço Marques, tendo feito uma época na categoria de juniores. Alinhei sete vezes pela selecção de

⁴ *A Bola*, 20 de Maio de 1961.

⁵ “De Lourenço Marques (Portugal de África) e com destino ao Benfica, chegava a Lisboa (Portugal da Europa), anteontem, à noite, por via aérea o futebolista Eusébio.” *In A Bola*, 17 de Dezembro de 1960. Curiosidade de como se enunciava e diferenciava os “vários Portugais”.

Lourenço Marques e, pelo meu clube, desloquei-me às Ilhas Maurícias e à Beira.”⁶

— “Qual é o seu lugar habitual?”

— “Costumo jogar a interior-esquerdo, mas faço qualquer dos postos do ataque, menos o de avançado-centro.”

— “Porquê?”

— “Não sei porquê, mas esse é o lugar de que menos gosto. Prefiro as zonas em que é mais fácil a desmarcação. Já tenho jogado a avançado-centro, mas prefiro ser interior ou extremo de qualquer dos lados” — respondeu Eusébio, completamente olvidado da ordem de silêncio que recebera do Benfica.

— “Remata com os dois pés?”

— “Sim, mais ou menos...” — disse, sentindo-se retrair.

O olhar de Eusébio cruzou o de um dos dirigentes do Benfica e só então se lembrou da ordem de silêncio. Engoliu em seco, mas continuou a responder às perguntas, pois não sabia como acatar a ordem que recebera sem parecer mal-educado. Sentia-se, já de si, acanhado e com pouca vontade de falar, não só pelo cansaço, pois saíra de Lourenço Marques havia 24 horas, como pela sua timidez natural acrescida da ordem de silêncio com a qual não sabia agora como lidar.

— “Espera adaptar-se bem ao futebol da Metrópole?”

— “Venho com essas esperanças.”

Ergueu o olhar para o céu, era a primeira noite na metrópole e já esta lhe parecia saudosa. Não viu as estrelas sem fim que rebrilhavam no céu em Mafalala, aqui não passavam de mínimos pontos brilhantes e esparsos. Respirou fundo e baixou a cabeça para entrar no táxi. Sabia que esta era apenas a primeira das coisas diferentes que encontraria pelo caminho, muitas mudanças o esperavam. Ia jogar no Benfica, animou-se, e isso valia todos os desafios e esforços.

De cara colada à janela, Eusébio olhou para uma Lisboa semiadormecida, que apenas conhecia dos postais e dos retratos dos jornais que via nas bancas em Lourenço Marques. Era muito diferente de Mafalala, mas encontrou uma certa semelhança com Lourenço Marques nos prédios altos, nas avenidas largas e nos carros que as cruzavam. Recostou-se no banco traseiro do automóvel e respirou fundo; em breve estaria na

⁶ A *Bola*, 17 de Dezembro de 1960, assim como o diálogo seguinte entre aspas.

Calçada do Tojal, no Lar do Jogador. Calculou-o não porque conhecesse as ruas ou as distâncias, mas porque naquele momento sentia vontade de chegar a algum lugar a que pudesse chamar de casa. Aquele assemelhava-se nisso pelo menos no nome.

No Lar do Jogador, atribuíram-lhe o quarto onde estava José Torres e Amândio. Sentiu-se rodeado de estrelas, estavam então ali aquelas que lhe tinham faltado à chegada. Os sentimentos e as sensações substituíam-se uns aos outros num eterno devir, dividindo-se entre nervosismo, saudade, expectativa e cansaço. Antes de se deitar, Eusébio escreveu à mãe. Afinal, estava ali graças a ela.

De manhã, Eusébio acordou e foi à Luz. Contudo, a sensação mais forte que teve pelo caminho não foi a antecipação do momento de ver o estádio, mas do frio que estava. No trajecto, arriscou abrir a sua janela do autocarro e um frio gelado entrou de súbito, paralisando-o por instantes antes de ser capaz de se mexer para voltar a fechar o vidro.

Uma fria manhã de Dezembro enchia o espaço, antes apenas a rua, agora parecia-lhe que o autocarro também. Tal como na véspera, teve a sensação de olhar para uma cidade ainda meio adormecida, talvez mais entorpecida pelo frio do que ainda a dormir de facto. Pareceu-lhe que das telhas enregeladas se soltava uma fina névoa e um certo odor, o mesmo que emanava das árvores desoladas pela queda total das suas folhas, e percebeu que nunca tinha visto uma árvore sem folhas e que o frio tinha cheiro.

Finalmente, o Estádio da Luz!

A “Catedral”, como já alguém lhe chamara, apesar dos seus poucos seis anos, situava-se num sítio ermo, rodeada por quintas agrícolas. Contudo, erguia-se à sua frente mais imponente do que a vira nos seus sonhos, mais próxima do que se imaginara neles. Por vezes, a realidade consegue ser mais doida e imprevista do que o sonho mais arrojado. Olhou para os lados e tentou imitar a descontração dos colegas, mesmo sabendo de antemão que não se pode imitar uma estrela sem se estar condenado ao fracasso. Por mais que se forçasse a andar, para que não se notasse que se detinha onde os outros avançavam, Eusébio não foi capaz de se impedir de parar à entrada da Luz, como se pára à entrada de uma verdadeira catedral, e benzeu-se.

Desejava entrar com o pé direito, mas isso não seria o suficiente para

algo da dimensão do Benfica, da Luz e daquelas estrelas que agora eram seus colegas, pensou, ao avistar Coluna e lembrar-se de que trazia consigo algo para lhe entregar. Mas como aproximar-se daquele astro? O mais difícil não era aproximar-se, era entabular uma conversa com ele. Não podia ser assim tão difícil, eram ambos moçambicanos e Coluna vivera no Alto Maé, outro bairro pobre de Lourenço Marques. A infância de um e de outro tinha sido marcada por jogos de futebol disputados com bolas de trapos e o ingresso dos dois no Benfica fora assinalado pela competição entre Benfica e Sporting. Havia muitos pontos a aproximá-los e era mesmo por isso que Eusébio tinha a incumbência que agora lhe custava tanto realizar. Coluna era o Monstro Sagrado e seis anos mais velho do que Eusébio e isso era o ponto que os afastava, mas era também por isso que Eusébio tinha a missão que agora lhe custava tanto realizar. Coluna olhou nesse momento para o recém-chegado à equipa, o miúdo, e como se pudesse ler os seus pensamentos, disse:

— Então, miúdo, como vai isso?

Eusébio sorriu timidamente. Inibiu a vontade de olhar para os lados para se certificar de que era mesmo com ele que o capitão Coluna falava, pois sabia ser o único miúdo. Refez-se da surpresa inicial e percebeu que era a sua oportunidade. Era como uma marcação de bola parada, não podia desperdiçar o golo.

— Bem, obrigado, Sr. Coluna.

O homem riu-se pela deferência daquele que era agora seu colega de equipa.

— Tenho uma carta para si, Sr. Coluna.

— Para mim?

— Sim. — A bola estava ajeitada, agora era só chutar. — Da minha mãe.

— Da tua mãe? — repetiu Coluna em tom crescente de curiosidade.

— Tome — disse Eusébio, estendendo a carta a Coluna.

O capitão aceitou o sobrescrito, abriu-o e leu a missiva em silêncio em frente do jovem.⁷ Coluna levantou o olhar da carta para Eusébio e sorriu, indulgente.

⁷ “O Eusébio chegou lá e entregou-me a carta que era da mãe. Eu abri a carta à frente dele, li e quando acabei dei-lha para ele ler.” In <http://expresso.sapo.pt/desporto/eusebio-mario-coluna-o-homem-que-tomou-conta-do-miudo-video=f621160>, visualizada a 1 de Setembro de 2015.

— Podes lê-la — concedeu, estendendo, por sua vez, a epístola a Eusébio.

Os papéis inverteram-se. Eusébio leu a carta da mãe, cujo conteúdo era para ele um verdadeiro mistério, em silêncio.

— “A mãe está a pedir para o senhor Coluna tomar conta de mim, que aqui não conhecemos ninguém.”⁸

Eusébio baixou os olhos, envergonhado. Era o miúdo da equipa, agora sentia-se a criança. Contudo, à noite, no quarto que dividia com José Torres, ao relembrar o treino que apenas observara sem poder participar, acabou por confessar:

— “Quando puder jogar, vou ser titular nesta equipa do Benfica.”

José Torres encarou Eusébio, estupefacto com tamanha bazófia do recém-chegado, do miúdo, controlou-se e apenas disse:

— “Não sei, olha que eu ando aqui há três anos e continuo à espera.”

Mas a fé de Eusébio era inquebrantável e por isso ainda teve coragem para revidar:

— “Mas eu não.”

Aquelas palavras saíram-lhe sem que tivesse podido pensar nelas antes, mas agora que as proferira, não sabia onde fora buscar um discurso tão altivo...

⁸ In <http://expresso.sapo.pt/desporto/eusebio-mario-coluna-o-homem-que-tomou-conta-do-miudo-video=f621160>, visualizada a 1 de Setembro de 2015.